

O CAMINHAR DA EDUCAÇÃO REMOTA E A “EMPATIA DIGITAL”

Evelyn Ferreira Salles¹ - FFI

Palavras-chave: acesso à internet, educação remota, “empatia digital”.

As ruas podem estar desertas, mas o que acontece dentro das casas é aglutinador. Entre preocupações com um novo cotidiano que mal se sabe ressignificar, preces recém-descobertas, placebos e manifestações de amores não-declarados, é insurgente o grito dos digitalmente desassistidos.

Mas, por que gritam, se até outrora estávamos todos supostamente “conectados”? Onde está aquela fibra invisível que unia a todos? Por onde anda aquela sensação de homogeneidade?

É... Parece que as coisas não funciona(va)m assim.

O primeiro banho a 0º graus veio com a informação: “nem todos os alunos têm acesso a internet.”

O segundo banho algido me saiu como um golpe no estômago: “alguns alunos não dispõem de um celular.”

E, agora? Como fazer? Como chegar? Como ficar? Como oportunizar? (Nesse meio tempo, sofri uma derrocada de pensamentos sobre nossas estruturas sociais, nossas escolhas políticas, nossas dívidas históricas, nossos erros... Tão nossos quanto a possessividade explícita no pronome...)

Respirar nunca tinha deixado de ser organicamente intuitivo pra mim. Ironicamente, ou não, num contexto amplo, de discussões sobre uma 3ª Guerra Mundial, passamos a avistar notícias sobre a perspicácia de um governador para garantir respiradores vindos da China. Como chegamos nesse ponto? A oxigenação já parece iniciar num sopro e terminar num sibilo angustiante.

A educação sempre foi o nosso maior calcanhar de aquiles. É indubitável. Porém, existiu um momento tão obscuro e tenebroso como esse? Não! Os anais não relatam. Uma amostra disso? Um Governo Federal que deseja expurgar Paulo Freire da BNCC e que acredita que a educação básica deve ser provida à distância.

No dever de prosseguir com o ensino e mediação, conduzi a disciplina de Psicologia e Educação I, nas turmas de 1º período do curso de Pedagogia em São Luís e em Palmeirândia, e tentei introduzir minha conversa sobre o conteúdo de um jeito que achava pertinente. Não me estendi a todos.

“Os arquivos pesam!”

“A franquia de dados dos alunos é pequena!”

¹ Psicopedagoga com atuação clínica ABPp/MA - 2020018, Advogada OAB/MA nº 13407, Especialista em Direito Público, Pós-graduanda em Direito Educacional, Docente da Faculdade Formação Integrada - FFI.

“Os celulares não dispõem de memória para instalar tal aplicativo.”

“Alguns alunos não sabem usar a plataforma e alguns alunos não estão conseguindo anexar arquivos no e-mail.”

Google Classroom, Zoom, Teams, Meet, Skype, Youtube ... Qual plataforma/aplicativo/ferramenta conseguirá levar um pedaço dessa sala de aula para os nossos?

Mudo as estratégias, mas... Onde estão vocês? Onde estou eu? (O silêncio é quase sepulcral.)

O que são todas essas demandas tecnológicas? São as TICs se fortalecendo? São um reforço às nossas desigualdades? O que está se passando lá fora? O que acontece aqui dentro?

Vamos para outra semana. A fé não comprime sozinha o arquivo, não pensa em memória *RAM*, memória *cache*; não realiza edição e conversões. Meu Deus, será que os celulares visualizam *.pptx*?

“Professora, abri os arquivos, mas estão densos.”

“O material é bom, mas eu não consigo ler por celular.”

“É interessante a ideia da videoconferência, mas eu não disponho de dados pra isso.”

“Na semana passada não tive como ir à casa de um amigo pegar sinal de internet para estar na sua aula.”

“Preciso sair da zona rural para baixar os seus materiais.”

É... No meio desse processo me vi carente de “empatia digital”. Eu percebi que entender as diferenças é uma coisa, mas que buscar entender as minúcias que diferem o meu privilégio digital do parco acesso dos meus alunos, é fundamental.

A busca por essa empatia passou a ser o meu roteiro de ordem.

Vem ideia, vai ideia. Começa reunião, finaliza reunião.

Qual o problema de tudo que pensamos? Para acessar é preciso estar na web, para estar em rede é preciso ter internet, para ter internet é preciso ter disponibilidade financeira pra isso.

E, quem diria! Os professores que, por vezes, brigavam tanto com os celulares, estão agora pedindo: Usem os *smartphones*! Acessem às aulas! (Aqui nem falamos em computadores, porque esses são um artigo de luxo.)

Até que ponto essa contraprestação dos alunos é factível?

É falta de internet? É desemprego? É sofrimento emocional? É saudade do mundo que já não é mais?

De outra banda, o professor tem família. Tem carne, tem ossos. Tem frustrações, tem angústias. Medos? Temos muitos! Medo da mediação ser de baixa qualidade, medo de não alcançar a todos, medo de não prover oportunidades e atualização, medo de perpetuar o tecido incongruente que envolve nossa sociedade, afinal: fomos forjados nas lutas e no sangue.

Persisti... E, após o início desse período sem precedentes, ouvir de uma aluna que eu fui inspiração e que visivelmente busquei meios para chegar, não tem preço!

Remediei essa situação com conteúdos em *.pdf*, vídeos em 16MB e textos mais curtos? Não! Longe disso! A questão é crônica.

Eu estou aqui, com pausas longas e pensamentos distantes tentando entender o que se passa com o meu aluno. Por que eu não consigo chegar para esse? O que posso fazer para alcançá-lo?

Mais uma vez, o momento vem para nos mostrar que não basta que a gente tente se colocar no lugar do outro permitindo a postergação de entregas de atividades, realizando mais avaliações qualitativas. É algo além, que de *per sí* não traz respostas à primeira vista.

O abismo social e econômico entre as pessoas é real. Falta o essencial à população. O acesso à internet é um meio que oportuniza a inclusão a outros serviços, como à educação. Ser excluído, também, digitalmente, não é bobagem!

É válido lembrar que as políticas educacionais se materializam dentro das Instituições Educacionais. Nesses fazeres não-presenciais surgiram vários contrassensos importantes. Os problemas existem e exigem um manejo rápido, porém lançamos mão de uma educação remota disfarçada de presencial que respira com a ajuda de aparelhos face à frágil acessibilidade dos alunos à rede.

Meus alunos são Joões e Marias desse Brasil. Eles são você; eles são eu. Eles não são recorte, eles são um todo que nos tapeia e deslancha um sentimento para a construção do amanhã... Um amanhã que nunca foi tão hoje.

Lutemos!